

“A vida acontece no encontro com o outro”. Diários da experiência pedagógica dos Encontros de Saberes

Elaine Monteiro¹

Daniel Bitter²

Edilberto José de Macedo Fonseca³

Andressa Fouraux Figueira⁴

Gabriela da Silva Pimenta⁵

Milena Leão Pereira⁶

DOI: <https://doi.org/10.22409/pragmatizes.v13i25.57915>

Resumo: O Encontro de Saberes é um amplo movimento presente em várias universidades, cujo objetivo consiste em incluir saberes tradicionais de comunidades afro-brasileiras, indígenas, quilombolas, urbanas, agro-extrativistas, etc., nestas instituições, através da participação de mestres e mestras de tradições como docentes convidados. Seu propósito é tornar a universidade mais diversa e inclusiva, multirracial, multilinguística e pluriespistêmica, por meio da reformulação de currículos, pedagogias e protocolos administrativos. Neste artigo abordamos a experiência do Encontro de Saberes realizada na UFF, a partir da oferta da disciplina *Saberes Negros e Indígenas* oferecida em 2022, e exploramos aspectos da pedagogia dos encontros identificados por estudantes, especialmente, a partir dos relatos que produziram em diários pessoais ao longo do curso, nos quais

¹ Elaine Monteiro. Doutora em Serviço Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professora Associada do Departamento Sociedade, Educação e Conhecimento da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense, Niterói, Brasil. E-mail: elainemonteiro@id.uff.br - <https://orcid.org/0000-0001-6122-3281>

² Daniel Bitter. Doutor em Antropologia pelo IFCS-UFRJ. Professor Associado do Departamento de Antropologia da Universidade Federal Fluminense - UFF e do Programa de Pós-Graduação em Cultura em Territorialidade PPCULT-UFF, Niterói, Brasil. E-mail: danielbitter@gmail.com - <https://orcid.org/0000-0003-2080-9926>

³ Edilberto José de Macedo Fonseca. Professor Adjunto do curso de Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense em Rio das Ostras, Brasil. E-mail: edilbertofonseca@id.uff.br - <https://orcid.org/0000-0003-0947-4440>

⁴ Andressa Fouraux Figueira. Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense E-mail: andressafouraux@id.uff.br - <https://orcid.org/0000-0001-9509-0018>

⁵ Gabriela da Silva Pimenta. Graduanda em Antropologia pela Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, Brasil. E-mail: gabrielap@id.uff.br - <https://orcid.org/0009-0001-8560-9020>

⁶ Milena Leão Pereira. Graduanda em Antropologia pela Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, Brasil. E-mail: mileao@id.uff.br - <https://orcid.org/0009-0001-6164-1835>

Recebido em 31/03/2023, aceito para publicação em 27/06/2023 e disponibilizado online em 01/09/2023.

registraram suas impressões e experiências. Procuramos mostrar o potencial disruptivo desta pedagogia contra e anti-colonial e seu efeito transformador sobre as pessoas envolvidas.

Palavras-chaves: Encontro de Saberes; mestres de tradição, universidade, pedagogia dos encontros.

"La vida pasa en el encuentro con el outro". Diarios de la experiencia pedagógica de Encuentros de Saberes

Resumen: El Encuentro de Saberes es un amplio movimiento presente en varias universidades, cuyo objetivo es incluir los saberes tradicionales de comunidades afrobrasileñas, indígenas, quilombolas, urbanas, agroextractivistas, etc., en estas instituciones, a través de la participación de maestros y maestras de las tradiciones como docentes invitados. Su propósito es hacer la universidad más diversa e incluyente, multirracial, multilingüe y multiepistémica, a través de la reformulación de currículos, pedagogías y protocolos administrativos. En este artículo abordamos la experiencia del Encuentro de Saberes realizado en la UFF, a partir de la oferta del curso Saber Negro e Indígena ofrecido en 2022, y exploramos aspectos de la pedagogía de los encuentros identificados por los estudiantes, especialmente a partir de los relatos que estos produjeron en diarios personales a lo largo del curso, en los que registraron sus impresiones y experiencias. Buscamos mostrar el potencial disruptivo de esta pedagogía contra y anticolonial y su efecto transformador en las personas involucradas.

Palabras claves: Encuentro de Saber; maestros de tradición, universidad, pedagogía de los encuentros.

"Life happens in the encounter with the other." Diaries of the pedagogical experience of Meetings of Knowledge

Abstract: The Meeting of Knowledges is a broad movement present in several universities, whose objective is to include traditional knowledge of Afro-Brazilian, indigenous, quilombola, urban, agro-extractivist communities, etc., in these institutions, through the participation of people with acknowledged higher knowledge (mestres e mestras da cultura popular) as guest lecturers. Its purpose is to make the university more diverse and inclusive, multiracial, multilingual and multi-epistemic, through the reformulation of curricula, pedagogies and administrative protocols. In this article, we address the experience of the Meeting of Knowledges held at UFF, based on the offer of the *Black and Indigenous Knowledge* course offered in 2022, and we explore aspects of the pedagogy of the meetings identified by students, especially from the reports they produced in personal diaries along the course, in which they recorded their impressions and experiences. We seek to show the disruptive potential of this counter and anti-colonial pedagogy and its transforming effect on the people involved.

Keywords: Meeting of Knowledge; tradition masters, university, pedagogy of encounters.

"A vida acontece no encontro com o outro". Diários da experiência pedagógica dos Encontros de Saberes

Apresentação

O Encontro de Saberes é acalanto, mas pode ser também bastante desconfortável. Um desconforto que nos bota diante dos

nossos preconceitos, diante do senso comum, diante das nossas limitações em relação às outras pessoas, diante da nossa própria zona de conforto. É um desconforto bom. Um desconforto que faz a gente se

mover na direção de sermos pessoas mais íntegras, esclarecidas, empáticas.
(Gabriela da Silva Pimenta. Diário pessoal)

Na disciplina do Encontro dos Saberes descobri que a vida acontece no encontro com o outro. Como uma estudante do curso de Antropologia, o contexto do estudo de um dos principais insumos para a prática do nosso trabalho é a "alteridade", mas acredito que foi de fato cursando essa disciplina que pude entender do que se trata de fato a "alteridade". Digo isso pois foi com os mestres, mestras, colegas e professores que pude perceber a alteridade saltar sobre os olhos no contexto da academia, pois foi nessa conjuntura que, aprender com os outros e ensinar, foi real pra mim.
(Miriam Soares Dias. Diário pessoal)

O Encontro de Saberes é um amplo movimento disseminado por várias universidades brasileiras, cujo objetivo consiste em incluir saberes tradicionais de comunidades afro-brasileiras, indígenas, quilombolas, urbanas, agro-extrativistas, etc., nestas instituições, através da participação de mestres e mestras de tradições como docentes convidados. Seu propósito é tornar a universidade mais diversa, multirracial, multilinguística e pluriespistêmica.

Tal como tem se estabelecido em diversas universidades, o Encontro de Saberes é, de certo modo, um desdobramento da política de cotas que instituiu, além da reserva de vagas

para estudantes de escolas públicas e para estudantes em situação de vulnerabilidade sócio-econômica (as chamadas "cotas sociais"), a reserva de vagas para negros, indígenas e deficientes em universidades e em institutos federais de educação. O projeto propõe a inclusão epistêmica dos saberes daquelas comunidades, assim como de seus sujeitos, por efeito de sua própria mobilização e desejo de inclusão. Tal pedagogia almeja colocar em diálogo distintas epistemologias, de forma a assinalar eventuais convergências, divergências, contraditoriedades, complementaridades, etc. (BITTER, 2022). A inclusão de sujeitos negros e indígenas e seus saberes na universidade significa a valorização de conhecimentos baseados na oralidade, na memória coletiva, na intuição, na sensibilidade, na corporeidade, na ancestralidade, na circularidade, na espiritualidade, no afeto e em cosmologias singulares. O Encontro de Saberes é, portanto, um projeto de intervenção antirracista, anti-colonial e contra colonial nas universidades com o propósito de renovar seus currículos, seus modos de ensinar e de aprender.

Está respaldado por um conjunto diversificado de normas nacionais e internacionais que regulamentam a Lei 12.343/2010, que institui o Plano Nacional de Cultura (PNC). Esse conjunto de normativas visa a proteção e difusão dos saberes tradicionais e da diversidade cultural e está em plena consonância com as leis 10.639/2003 e 11.645/2008, que prescrevem o ensino das culturas negras e indígenas na educação básica.

Sua forma de atuação mais importante é a oferta de disciplinas em que mestres e mestras de comunidades e coletivos tradicionais atuam lado a lado com docentes parceiros da instituição de ensino superior. Foi iniciado na Universidade de Brasília (UnB), a partir de 2010, sob direção do Professor José Jorge de Carvalho, no âmbito do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa (INCTI/UnB), expandindo-se gradualmente para outras instituições brasileiras e estrangeiras.

Vale registrar ainda que o desejo de mestras e mestres de terem seus saberes transmitidos em instituições de ensino, como escolas e

universidades, assim como as conquistas desses direitos no âmbito da legislação, refletem relações, visões e valores da educação em comunidades tradicionais. Visões essas diferentes, diversas, carregadas de valores ancestrais insistentemente ignorados pela concepção predominante de educação inculcada em estudantes nos bancos de escolas e universidades. A concepção de educação "bancária" e de uma "história única", que ensina que a educação no Brasil se deu a partir da chegada dos jesuítas. Como se as populações negras e indígenas não tivessem conhecimentos acumulados e processos educativos, o que contribuiu sobremaneira para a perpetuação do racismo e para o racismo epistêmico. Ao contrário, a educação, os processos de transmissão de saberes e a escola foram e são valores fundamentais para as comunidades tradicionais e se constituíram em bandeiras de luta por direitos na sociedade. É Mestra Fatinha, dos saberes negros jongueiros e quilombolas, quem entra na conversa, participa do Encontro, se apresenta, e nos fala sobre a importância de estar aqui:

Todos me conhecem como Fatinha e é um prazer estar retornando aqui [à universidade] para falar da nossa comunidade, falar do movimento jongueiro, que é um movimento de resistência. O Jongo foi para os negros lá atrás, na época da escravidão, uma forma de luta, uma forma de expressão, e é para nós, até hoje, uma forma de luta, uma forma de resistência. Então, a gente estar em espaços como esse, buscando a nossa valorização, colocando os nossos jovens na universidade... Porque a sociedade brasileira sempre negou tudo para o nosso povo. E nega até hoje. As coisas para as comunidades jongueiras são muito difíceis. A gente mantém a tradição mesmo porque é a nossa vida, é a nossa história, é por amor, porque é muita luta, muita desigualdade mesmo. Estar em um espaço como esse, para nós, assim, é tudo! É uma conquista porque é uma forma da gente mostrar que nós sempre existimos e que precisamos ser valorizados enquanto cidadãos brasileiros que somos. Até hoje a gente tem pouco reconhecimento. Então, muito obrigada por vocês estarem aqui! (Maria de Fátima da Silveira Santos – Mestra Fatinha do Jongo de Pinheiral-RJ)

Na UFF o Encontro de Saberes começou a ser desenhado em 2016 a partir da reunião de docentes que já tinham algum tipo de vínculo com comunidades tradicionais, tanto na

pesquisa quanto na extensão, e estudantes de vários departamentos e áreas de conhecimento, impulsionada pela visita do professor José Jorge de Carvalho. Em 2017 foram oferecidas as primeiras disciplinas em caráter experimental e, desde então, o projeto de ensino, vinculado à Pró-Reitoria de Graduação, tem atuado regularmente em cursos de graduação, excetuando-se o período da pandemia de Covid-19.

Cerca de 250 estudantes já passaram pela experiência do Encontro de Saberes em alguma das disciplinas oferecidas pelo Projeto na UFF. O que temos notado é que a vivência dentro e fora da sala de aula com mestres e mestras das tradições, oriundos de comunidades negras, indígenas, quilombolas, urbanas, entre outras, tem promovido uma transformação significativa em subjetividades de estudantes e docentes, desencadeando processos de reconhecimentos identitários, étnico-raciais, de gênero, e promovendo, ainda, mudanças qualitativas em percepções de mundo e tomada de consciência do estado atual das práticas universitárias no campo do ensino/aprendizagem.

Nessa direção, o Encontro de Saberes é uma proposta sempre em construção, que valoriza múltiplas dimensões do ser humano, da educação como prática da liberdade, como nos ensinaram Paulo Freire (1987) e bell hooks (2013), que também participam desta conversa:

A educação como prática da liberdade é um jeito de ensinar que qualquer um pode aprender. Esse processo de aprendizado é mais fácil para aqueles professores que também creem que sua vocação tem um aspecto sagrado; que creem que nosso trabalho não é o de simplesmente partilhar informação, mas sim o de participar do crescimento intelectual e espiritual de nossos alunos. Ensinar de um jeito que respeite e proteja as almas de nossos alunos é essencial para criar condições necessárias para que o aprendizado possa começar do modo mais profundo e mais íntimo. (HOOKS, 2013, p. 25)

Observamos, como quando escutamos Mestra Fatinha, que os mestres e mestras envolvidos no Projeto também são impactados pela experiência, sentindo-se reconhecidos e valorizados no ambiente acadêmico que historicamente os excluiu, assim como aos seus saberes e aos seus descendentes.

Nessa direção, o objetivo deste artigo é apresentar alguns aspectos da implementação deste Projeto na UFF, de sua pedagogia, e refletir, especialmente, a partir dos relatos de impressões e experiências que estudantes registraram em diários pessoais elaborados como um produto destinado à avaliação da disciplina. Busca-se perceber em que condições dá-se a troca de saberes e como essa pedagogia dos encontros afeta as subjetividades de seus participantes em seus processos formativos (HOOKS, 2013)

De saída, notamos que esse artigo é uma produção coletiva, envolvendo em sua escrita/elaboração, docentes parceiros do Projeto e estudantes monitores que participaram da disciplina. Estão incluídos, ainda, todos aqueles cujos enunciados escritos ou falados podemos aqui ler e escutar. Nosso objetivo foi produzir uma narrativa a mais polifônica possível, observando que a ideia de autoria individual e de univocidade de sentidos, tributárias da modernidade ocidental, são estranhas ao nosso propósito (GUMBRECHT, 1998). Partimos, então, do pressuposto de que este texto é uma tentativa de

estabelecer uma interlocução dialógica interdiscursiva entre os diversos agentes envolvidos (BAKHTIN, 2011). Assim, procuramos o diálogo e a escuta atenta de estudantes que participaram da disciplina no segundo semestre de 2022, para identificar possíveis impactos do Encontro de Saberes em sua formação inicial e/ou continuada. No desafio de produção de uma narrativa polifônica, então, não só “demos ou daremos ouvidos aos estudantes”, mas também vamos incorporar suas falas na construção coletiva do texto.

O Encontro de saberes UFF

O Encontro de Saberes é um Projeto de Ensino da Pró-Reitoria de Graduação da UFF (Prograd/UFF) cujo objetivo consiste em incluir saberes tradicionais de comunidades afro-brasileiras e indígenas, convidando mestres das artes e ofícios como docentes colaboradores, em atividades de ensino e pesquisa, em parceria com docentes da universidade. Se inicia com a formação, em 2016, de um grupo de estudos (GE) de docentes e estudantes dos mais diversos *campi*, institutos e departamentos; entre os quais,

Antropologia, Educação, Produção Cultural, Psicologia, Letras, Ciência Ambiental, Artes e História. O grupo começou a se reunir regularmente, a partir de uma primeira visita do Prof. José Jorge de Carvalho a esta universidade, após a qual se seguiram muitas outras. Este grupo elaborou diversas ações integradas na universidade produzindo articulações junto ao Centro de Artes UFF e à Pro-Reitoria de Graduação.

Esse processo culminou com a parceria formalizada entre a Prograd/UFF e o INCTI/UnB em 2018, o que foi fundamental para concretizar a oferta de disciplinas nos cursos de graduação da UFF. O coletivo formado por professores e estudantes, alguns dos quais bolsistas, além de mestres e mestradas, mantém reuniões semanais dedicadas a diversas atividades, incluindo estudos, pesquisas, avaliação, edição de material audiovisual, planejamento dos cursos, entre outras.

Em 2017 o GE propôs uma primeira experiência do Encontro de Saberes UFF, com a oferta de duas disciplinas optativas vinculadas a quatro departamentos, envolvendo docentes de oito departamentos,

vários Institutos e seis mestres de distintos territórios de existência. A experiência foi considerada amplamente exitosa e, assim, em 2018 e 2019, o GE ofereceu, no segundo semestre, mais duas disciplinas para a graduação: Encontro de Saberes: Corpo e Espiritualidade e Encontro de Saberes: Toques e Cantos das Culturas Populares. Somente em 2022, após o período pandêmico, em uma fase ainda de adaptação do ensino remoto para o presencial, o grupo voltou a oferecer a disciplina, desta vez denominada Encontro de Saberes: Formas de Expressão e Saberes Negros, Indígenas. A maior parte das reflexões elaboradas neste artigo se referem mais estritamente à experiência desta disciplina e, em especial, aos procedimentos relativos à sua avaliação. Desde o início, portanto, o Encontro de Saberes se desenvolve em estreita parceria com mestres e mestradas, com os quais, os docentes participantes já mantinham uma longa relação estabelecida no campo da pesquisa e das lutas políticas

Sobre a oferta da disciplina na UFF, duas estudantes de Ciências

Sociais nos falam de sua percepção do projeto e de sua vivência:

A trajetória na disciplina foi um ponto fora da curva dentre as experiências acadêmicas que tive, por principalmente me mostrar na prática novas formas didáticas de construir uma relação de aprendizagem através de mestres que muitas vezes são objeto de estudo na universidade mas não tem o protagonismo de transmitir seus conhecimentos e estudos através de si mesmos, ganhando o devido reconhecimento, valor e crédito por suas dedicações também científicas. (Ciana Lopes Godoy e Silva. Diário pessoal)

Por conta da formação de ciências sociais ser muito focada em autores europeus e estadunidenses, sempre tentei puxar matérias que fugissem disso. Tive conhecimento da existência do Encontro de Saberes através de um professor de Antropologia. (...) O professor passou o texto "Encontro de Saberes e Descolonização: para uma refundação étnica, racial e epistêmica das universidades brasileiras", do José Jorge de Carvalho, para discussão sobre as relações entre colonialidade e conhecimento acadêmico e as possibilidades de articulação dos saberes acadêmicos com outros modos de conhecimento. Por conta disso, já sabia como a disciplina funcionava e já tinha expectativa em cursá-la. No primeiro encontro, algumas coisas me chamaram atenção, como o entusiasmo dos estudantes para as aulas, que os fez até pegar matéria em uma sexta-feira por livre e espontânea vontade. E o interesse/expectativa que os encontros fossem um espaço amoroso e acolhedor, e as

conversas da importância de se ter um ensino com essas características. Durante as aulas de Saberes dos Terreiros com o Mestre Kotoquinho, apesar de ter me empenhado para acompanhar, a bagagem que eu tinha não foi suficiente para me fazer compreender as aulas da forma que eu gostaria. Mas, ter uma aula regada de música, tambor, dança, espiritualidade e ancestralidade foi mais significativo do que o pleno entendimento das palavras do mestre. O módulo indígena foi uma dose de esperança de uma outra forma de educar as crianças, com atenção, afeto, respeito e materiais lindos. Ademais, é urgente a necessidade de debater questões indígenas, de ter conhecimento dos povos originários desta terra, de sua diversidade e de sua existência por todo esse país, em aldeias ou em contexto urbano. Para que se possa somar na luta por território e outros direitos. E, enquanto futuros professores (como muitos da turma são de licenciatura), poder ensinar de forma decolonial e antirracista. E formar uma geração que não perpetue estigmas e violências. E que tenha sabedoria, pois, como o Professor Vanderlei disse "muito conhecimento sem sabedoria não adianta, e sabedoria é saber ouvir o tempo". (Ana Carolina Cario Peixoto. Diário pessoal)

Ambas as estudantes fazem considerações epistemológicas, problematizando a relação que a universidade estabelece com mestres das culturas tradicionais como objetos de estudo e não como sujeitos do conhecimento, a colonialidade dos

saberes acadêmicos, as possibilidades de formas diversas de ensino e aprendizagem e a importância da formação profissional decolonial e antirracista. Os mestres e mestras de tradições são detentores de saberes vivos integrados aos seus territórios. A transmissão desses conhecimentos dá-se de forma variada envolvendo a oralidade, o corpo, os gestos, a escuta e tem, como suporte, a emoção, a intuição e a sensibilidade. Nessa direção a estudante Ciana Lopes Godoy Silva expressa sua percepção sobre a pedagogia dos mestres e mestras,

Para mim, o que tem sido mais marcante no curso com os mestres que nos deram aula são os infinitos formatos de aprendizagem, que correspondem de forma mais coerente com expressões humanas de linguagem como a festa, alegria, prazer e música. Percebo que me sentir afetada por essas linguagens através de experiências como dançar em roda, aprender e cantar cantigas juntamente com os colegas, sentar no chão, rir alto e complementar discussões com experiências de vida e memória que remetem a temas mencionados ali faz com que os conceitos trazidos estejam para além de uma memorização de teoria. (Diário pessoal).

Esse ensinar e aprender que é circular, em roda, horizontal, que

canta, dança e que é carregado de experiências e de vida, como nos lembra bell hooks, é a educação como prática da liberdade. Pressupõe aprendizados do corpo, da mente, do espírito, emoção, afeto e abertura também de docentes para correr riscos, para se expor, expor suas experiências, falar da vida e dos limites de nosso conhecimento.

Os professores que esperam que os alunos partilhem narrativas confessionais mas não estão eles mesmos dispostos a partilhar as suas, exercem o poder de maneira potencialmente coercitiva. [...] Quando os professores levam narrativas de sua própria experiência para a discussão em sala de aula, elimina-se a possibilidade de atuarem como inquisidores oniscientes e silenciosos. É produtivo, muitas vezes, que os professores sejam os primeiros a correr o risco, ligando narrativas confessionais às discussões acadêmicas para mostrar de que modo a experiência pode iluminar e ampliar nossa compreensão do material acadêmico. (HOOKS, 2013, p.35)

A referência da autora é o ensino superior, que não está, de forma alguma, apartado da vida que ressignifica o conhecimento acadêmico em seus modos de ensinar e de aprender. Quando se abre a porta da sala de aula e se deixa sentimentos e afetos entrarem na forma de

vivências e de experiências diversas que dialogam com conhecimentos acadêmicos, aponta hooks, docentes sentem medo. Porque podem correr riscos, porque podem perder o controle da sala de aula, porque podem ter conflitos. Do diálogo e das relações estabelecidas em sala de aula emergem sujeitos que têm distintos pertencimentos de classe, de raça e de gênero. Como ela mesma afirma, se tivermos medo de errar, de nos enganar, nunca transformaremos a academia num lugar culturalmente diverso, (HOOKS, 2013, p.49)

Além disso, a presença de sujeitos diversos na universidade, as possibilidades de diálogo, de escuta e de produção de novos conhecimentos exigem mudanças nem sempre aceitas por boa parte dos docentes. Isso é bastante evidente no caso da crescente presença de estudantes negres. A permanência de estudantes no ensino superior não significa apenas a fundamental inserção em programas de assistência estudantil. Permanência implica reconhecer que estudantes negres, maioria desde o ano de 2019 em universidades públicas, estão a "sacudir" a universidade em seu racismo

institucional, afirmando sua negritude e fazendo emergir a branquitude em majoritária parcela do corpo docente, expressa em seus modos de ser, de saber, de poder. Sua presença confronta a colonialidade presente nos modos de ensinar e de aprender no espaço acadêmico.

A disciplina Encontro de Saberes: Formas de Expressão e Saberes Negros e Indígenas

Em 2022 retomamos as atividades do Encontro de Saberes após o período pandêmico. Propomos, no segundo semestre, uma disciplina não obrigatória/eletiva, oferecida pelo Departamento de Antropologia e chamada "Encontro de Saberes: Formas de Expressão e Saberes Negros e Indígenas". A disciplina de caráter interdisciplinar, foi criada com docentes em colaboração com mestres/mestras, estudantes (bolsistas e voluntários que colaboram com o desenvolvimento do projeto) e comunidades e coletivos participantes.

Para o desenvolvimento da proposta, é absolutamente necessário que as fases de planejamento, execução e, posteriormente, avaliação

da disciplina ocorram sempre em um estreito e constante diálogo entre os mestres, mestras e docentes proponentes, tendo ainda participação dos estudantes bolsistas e voluntários. Nesse sentido, a proposta do Encontro de Saberes guarda afinidade com aquelas da chamada *Pesquisa-Ação-Participativa* (FALS-BORDA, 2015; FREIRE, 1987; CAMBRIA; FONSECA; GUAZINA, 2015), todas as atividades são concebidas em conjunto com os integrantes, seja no que diz respeito aos temas a abordar, aos procedimentos de ensino e aprendizagem a serem adotados, como quanto às formas de avaliação, recursos materiais necessários ou às atividades externas que irão ser implementadas. A disciplina requer procedimentos e negociações institucionais para a sua realização, como a viabilização de transporte e alimentação para mestras e mestres, e hospedagem, quando necessário. Para que cada encontro aconteça, há todo um trabalho que acontece no período de planejamento e a cada dia de aula.

Os mestres e mestras participaram do planejamento da disciplina com sugestões relativas ao

cronograma, número de aulas, conteúdo, indicação dos aprendizes para acompanhá-los e vários outros aspectos. Nesta fase são planejadas, também, as visitas de campo da turma de modo a oferecer aos estudantes um contato direto com os territórios de tradição referenciados na disciplina.

A participação de estudantes bolsistas de graduação no grupo de estudo e de trabalho do Encontro de Saberes é fundamental para o desenvolvimento da disciplina. Em geral, são estudantes que cursaram a disciplina em períodos anteriores. Não é incomum o fato da disciplina provocar transformações na vida e na formação desses estudantes, seja no âmbito da espiritualidade, da afirmação de suas identidades e do compromisso militante com questões de raça, de gênero, de classe, assim como com questões ambientais. A integração entre docentes e estudantes e entre estudantes entre si na elaboração e desenvolvimento da proposta de cada semestre, na realização de cada encontro e nos processos avaliativos, se dá de forma colaborativa e faz parte da formação de todos, docentes e estudantes, não

sem tensões e sem conflitos, mas sempre com muito aprendizado.

O segundo semestre de 2022 foi, após o período de distanciamento social, o primeiro semestre totalmente presencial na universidade. No primeiro semestre daquele ano, tínhamos retornado presencialmente à universidade, mas ainda sem a presença obrigatória dos estudantes e com muita cautela. A pandemia afetou toda a sociedade e, conseqüentemente, as comunidades e condições de vida e de saúde de mestras e mestres que fazem parte de nosso grupo, com quem trabalhamos regularmente desde o início do projeto na UFF. Comunidades indígenas, caiçaras e quilombolas se mantiveram "fechadas" por questões sanitárias, evitando as visitas e a saída de pessoas muito idosas por um longo período. Campanhas, organização da comunidade e participação em lives e em pequenos editais para a realização de projetos (Lei Aldir Blanc) garantiram o enfrentamento de dificuldades financeiras no período da pandemia.

Nesse contexto, para a oferta da disciplina no semestre proposto, procuramos privilegiar mestras e mestres geograficamente mais

próximos da universidade e poupar tanto as/os mais idosos quanto as/os que vivem em locais mais distantes. Além disso, temáticas debatidas no grupo no período pandêmico e a euforia do retorno aos encontros presenciais entre docentes e estudantes bolsistas, facilitaram a escuta atenta de nós, docentes, para demandas e proposições das/dos estudantes.

Organizamos os conteúdos da disciplina em três módulos distintos: o primeiro abordou as manifestações da oralidade e das expressões rítmicas presentes nos terreiros de matriz afrodescendente, tendo como docente Osvaldo José de Sena Filho, conhecido como "Mestre Ogã Kotoquinho", acompanhado de Victor Moraes de Oliveira, como seu aprendiz. Nessa mesma linha, foram ministradas aulas sobre os saberes ligados aos Jongos e Quilombos, com a Mestra Fatinha do Jongo de Pinheiral/RJ (Maria de Fátima da Silveira Santos), acompanhada de suas duas irmãs, Maria das Graças e Maria Amélia e de integrantes da comunidade. Suellen Tavares, liderança do Jongo do Morro da Serrinha, em Madureira, município do

Rio de Janeiro/RJ, também participou do encontro. O segundo módulo, Saberes Indígenas, trouxe questões relacionadas ao multiverso dos povos originários por meio da presença da liderança indígena e doutoranda em Educação Marise Vieira, e da artista visual e graduanda em Pedagogia Lana Potiguara, além de Maria Martinha Barbosa (Guajajara) e Vanderlei da Silva (Guarani), ambos docentes de uma das Escolas Indígenas de Maricá-RJ. A professora Mariana Paladino da Faculdade de Educação da UFF foi a docente da universidade parceira deste módulo.

Já o terceiro e último módulo, "(Re)existências: culturas urbanas e suas relações com saberes tradicionais" foi resultado da escuta atenta dos estudantes bolsistas e de um dos possíveis desdobramentos do Encontro de Saberes há muito debatido e acalentado. Nos limites da organização da disciplina naquele período, concretizamos a ideia de trazer coletivos/grupos jovens urbanos que representassem interesses, identidades e lutas de estudantes e, ao mesmo tempo, guardassem memórias e formas de organização de comunidades tradicionais. Foi assim

que conhecemos, por meio de um dos estudantes bolsistas, Mestra Idra Maria, da Casa de Mamba Negra, que trouxe para o centro da experiência um tipo de prática cultural ainda pouco vivenciada no projeto Encontro de Saberes no Brasil: a cultura urbana, jovem e transgênero com marcas de formas de organização e de resistência de comunidades tradicionais. E são estudantes que nos falam sobre essa nova frente aberta no Encontro de Saberes, para que sobre elas possamos refletir:

A aula do módulo (Re)existência me apresentou um universo que já tinha conhecimento de sua existência, mas sabia pouco a respeito. Foi fantástica a aula sobre suas formas de organização, resistência, arte e cultura. Mostrando a criação de uma comunidade e de uma cena que aumenta as perspectivas de vida dos que a compõem, e constrói um legado e uma ancestralidade. (Ana Carolina Cario Peixoto, Diário pessoal)

No último módulo apresentado, Cultura urbana: Vogue – a mestra Idra Maria demonstrou, junto às suas filhas..., que a ancestralidade pode ser composta de diferentes formas. A mãe (e o mais raro o pai), dentro da cultura Ballroom são concebidos pelo acolhimento e admiração de seus filhos. Diferente de outras definições

para ancestral, as implicações cronológicas como idade não são um fator determinante. Nos exercícios propostos à turma, ficou evidente conhecimento perpassado pelo corpo. Há um forte letramento baseado na oralidade em Vogue. Os tipos ideais representados, assim como a realização obrigatória de determinadas coreografias, nas disputas realizadas em seus bailes, são claros elementos rituais. (Juliana Gomes Silva do Nascimento. Diário pessoal)

Não posso, e nem quero, deixar de falar do nosso último módulo: (Re)existências, com Idra Maria. Fiquei muito feliz de ver a universidade abrindo as portas não apenas para saberes tradicionais, mas para saberes contemporâneos, urbanos, marginalizados, que resistem com a cultura Ballroom. O que o Encontro de Saberes está fazendo na esfera educacional é lindo de ver. Convidar quem está à margem da sociedade e nunca foi visto como prioridade para ocupar esses espaços e dar aula, é gigante. Eu nunca escutei alguém falar sobre uma aula com pessoas LGBTQIA+ da cena Ballroom, acredito, inclusive, que nunca antes foi considerado fazer esse convite. A aula é simplesmente de uma força imensurável. Saí esse dia pensando em tantas coisas, como existir e resistir em um sistema que quer te matar. E como não falar disso tudo na universidade? Precisamos falar! (Manuela Grandi Carregal. Diário pessoal)

No encontro em que realizamos em função do terceiro e último módulo: "(Re) existências: Culturas Urbanas e suas relações com Saberes Tradicionais" talvez tenha sido o encontro no qual eu mais me encontrei, sendo guiada pela Mestre Idra Maria e suas filhas, tivemos uma pequena amostra do universo Ballroom e da dança Vogue em que pudemos compreender que estar na cena do Ballroom significa um jeito de existir no mundo que se manifesta através da arte, já que essa cultura está presente e surgiu no meio LGBTQIA+ como uma forma de resistência/sobrevivência das pessoas e também como uma forma de explorar identidades oprimidas. (Miriam Soares Dias. Diário pessoal)

Todos os encontros foram muito marcantes para mim, mas esse último foi de fato o mais marcante de todos. Primeiro que eu nunca imaginei estudar dentro de uma sala de aula da faculdade a cultura LGBTQIA+, principalmente o Ballroom, poder dizer para outras pessoas que tive uma aula ministrada por 3 mulheres trans, foi algo que me deixou tão feliz, saí contando para todes à minha volta. A cultura urbana marginalizada se mostrou com um grande cenário antropológico, ouvindo sobre os termos dados pela comunidade, o sistema que ali existe, inclusive de parentesco, só pensava "porque não vimos isso antes em algum texto etnográfico"?

Novamente, uma cultura urbana marginalizada, tanto na sociedade como dentro da Academia, mas depois dessa aula me deu uma esperança de ver esse cenário se revertendo, de poder ver um calouro lendo um texto etnográfico sobre a cultura Ballroom, a ressignificação dos sistemas de parentesco quando esses corpos são excluídos dos seus próprios núcleos familiares. Poder ampliar o olhar antropológico sobre grupos que ali existem, que possuem uma imensidão cultural, histórica e social construídas sobre um contexto particular, mas que ao mesmo tempo são ressignificadas a todo momento. (Nayra de Oliveira Martins. Diário pessoal)

As aulas ocorreram uma vez por semana em sessões de quatro horas ao longo de dezesseis semanas e não as chamamos de aulas, mas de "encontros". Após a realização de cada um desses módulos, foram feitas rodas de conversa com os/as estudantes com intuito de avaliar o percurso de cada módulo. A disciplina recebeu cerca de 60 inscrições de estudantes, das mais diversas áreas das Humanidades, tais como Artes, Educação, Antropologia, Cinema, Psicologia, Produção Cultural, Ciências Sociais, Letras, entre outras. São majoritariamente jovens entre 20

e 25 anos, muitos dos quais ingressantes na universidade através de cotas sócio-econômicas e étnico-raciais.

Por fim, é importante assinalar que mestres e aprendizes envolvidos na disciplina são remunerados em reconhecimento ao seu trabalho e em concordância com princípios básicos do Encontro de Saberes. Viabilizar a remuneração dos mestres e mestras é um dos entraves maiores do desenvolvimento do projeto que demanda reformular, também, protocolos administrativos para o reconhecimento de mestres e mestras de comunidades tradicionais como docentes.

Processos avaliativos e transformações subjetivas

Em termos metodológicos, a avaliação da disciplina se constituiu em um dos maiores desafios do Encontro de Saberes para o nosso grupo de trabalho. Negociamos e adotamos diversas ações com os estudantes durante os semestres em que a disciplina foi oferecida. Em 2022, obtivemos um retorno de grande significância para o aprimoramento do processo de avaliação. Inspirados nas

ideias de bell hooks (2013), propusemos aos estudantes que escrevessem diários pessoais com observações sobre os encontros com os mestres e mestras. Ao final do semestre, estudantes apresentaram, por escrito, uma síntese das anotações realizadas ao longo da disciplina e, no mesmo texto, uma autoavaliação a partir das reflexões anotadas. Cerca de 38 relatos indicaram a escrita sistemática dos diários. Eles foram reunidos na forma de um caderno de avaliações da disciplina e é a partir dele que a maior parte dos discursos mobilizados neste artigo, provém.

A dificuldade com relação à avaliação talvez seja um dos principais exemplos da encruzilhada do Encontro de Saberes. Encruzilhada (MARTINS, 2021) compreendida como "cruzo" (SIMAS, 2018). Encruzilhada que não exclui, não mata saberes, mas que permite que saberes coexistam, dialoguem e se completem. Como aprendemos com um dos mestres do Encontro de Saberes ao abordar a história única contada na região conhecida como o Vale do Café no estado do Rio de Janeiro, "nós não queremos tirar a foto do barão da

parede, queremos apenas colocar a nossa foto ao lado da dele”.

Em uma instituição marcada por princípios pedagógicos e por currículos eurocêntricos, promover encontros de saberes diversos, deixar afetos e emoções entrarem na sala de aula e, ao mesmo tempo, dialogar com textos, autores e saberes acadêmicos, cumprir orientações e regras institucionais que garantam a legitimidade e a possibilidade da disciplina na universidade muitas vezes são ações que colocam as pessoas que estão à frente do projeto em situações limítrofes, de fronteira. Desenvolver um projeto como o Encontro de Saberes, criar uma disciplina com mestras e mestres dos saberes tradicionais e cumprir, por exemplo, o que está previsto para a avaliação no regulamento dos cursos de graduação, que é a realização de pelo menos duas avaliações no semestre nos coloca na fronteira entre dimensões muito diversas de ensino e de aprendizagem e do que seria a avaliação nesse processo. Nos perguntamos muitas vezes que tipo de avaliação caberia em uma disciplina como o Encontro de Saberes. Apostamos na livre escolha e

expressão de estudantes, com o incentivo de que produzissem individualmente, em duplas ou em grupos (a proposta variou nos semestres) um trabalho que expressasse os aprendizados e/ou o significado do Encontro de Saberes. Junto com este trabalho, no último encontro, solicitamos um texto livre para acatarmos a regulamentação das duas avaliações. Recebemos poemas, músicas, performances, filmes, objetos confeccionados por estudantes, relatos, trabalhos em formato acadêmico, entre outros.

Agora, em 2022, encontramos em proposições de bell hooks a escrita dos diários. A autora propõe o diário como uma das possibilidades de transformar a sala de aula em uma comunidade, como possibilidade de expressão, de ouvir a voz de cada estudante individualmente e de todas/os. A concepção da sala de aula como comunidade se relaciona também com o papel do/a professor/a. O desapego do controle da segurança e a abertura para a sala de aula como comunidade é essencial para a pedagogia transformadora, para a produção de conhecimento e para o pensamento crítico:

Trabalhando com uma pedagogia crítica baseada em minha compreensão dos ensinamentos de Freire, entro na sala partindo do princípio de que temos de construir uma "comunidade" para criar um clima de abertura e rigor intelectual. Em vez de focar a questão da segurança, penso que o sentimento de comunidade cria a sensação de um compromisso partilhado e de um bem comum que nos une. Idealmente, o que todos partilhamos é o desejo de aprender - de receber ativamente um conhecimento que intensifique nosso desenvolvimento intelectual e nossa capacidade de viver mais plenamente no mundo. Segundo minha experiência, um dos jeitos de construir a comunidade na sala de aula é reconhecer o valor de cada voz individual. Cada aluno das minhas turmas tem um diário. Muitas vezes, eles escrevem parágrafos durante a aula e os leem uns aos outros. (...) Ouvir um ao outro (o som de vozes diferentes), escutar um ao outro, é um exercício de reconhecimento. Também garante que nenhum aluno permaneça invisível na sala. (HOOKS, 2013, p. 58)

Encontramos na concepção da sala de aula como comunidade, uma referência que se coaduna com as disciplinas do Encontro de Saberes na universidade e, na escrita dos diários, uma das possibilidades de criação da comunidade em sala de aula. De

saída, notamos que, embora tenham sido apresentados de forma escrita, entendemos que as narrativas têm um caráter constitutivamente oral, uma vez que foram produzidas a partir de modelos literários deliberadamente não acadêmicos e mais livres. Esses relatos são registros escritos de vivências, experiências, reflexões, impressões, sentimentos e emoções, muitos dos quais foram verbalizados durante as aulas. Ao longo do curso mantivemos constantes diálogos com os estudantes, a partir dos quais puderam expressar sua percepção. Nessa direção a fala da estudante Ana Carolina Cario Peixoto é significativa e nos deu a sensação de que caminhamos no sentido de criação de uma comunidade em sala de aula:

Durante a graduação há alguns modelos de trabalho que são mais frequentemente cobrados e que permitem pouca ou nenhuma criatividade, mas é sempre interessante assistir as apresentações dos outros alunos e reparar a forma de apresentar, de organizar as ideias, quais pontos do texto achou importante ressaltar etc. O encontro de apresentação dos trabalhos posso dizer que foi uma das minhas aulas preferidas. Ver Poemas, artesanatos, colagens, relato falado, pinturas e tantos outros tipos de trabalhos dentro de

uma universidade sendo feito com tanta criatividade foi possivelmente uma das minhas aulas favoritas. Foi como uma chuva de possibilidade de absorção e elaboração de aulas de forma "não acadêmica. (Diário pessoal)

Como já foi assinalado, a disciplina realizou-se num período ainda de transição do ensino remoto, adotado durante a pandemia de Covid-19, para o regime presencial, em que muitas adaptações estavam em curso. Esse dado é altamente relevante para as narrativas que apresentamos neste texto. A experiência do período transitório com toda sua liminaridade implicada foi sentida de forma crítica por muitos estudantes e docentes. A estudante Daiara da Conceição Genuino Pereira relata em seu diário que se inscreveu na disciplina atraída pelo nome, sem dispor de maiores informações naquele momento. Ela nota que,

No entanto, ter vindo quase que às cegas para a disciplina foi o que a fez se tornar ainda mais significativa para mim. Entrei no mundo acadêmico com expectativas, afinal, era um mundo novo. Após três longos e dolorosos períodos, fui de encontro ao Encontro e recebi o abraço que precisava para me reconectar comigo e

voltar a sentir sede por trilhar os meus caminhos (Diário pessoal).

Esse ano foi extremamente intenso, saímos de um confinamento torturante, voltamos com as aulas presenciais e parecia tudo muito novo e diferente do que a havia vivido durante minha graduação, apesar de estar próxima a me formar, me senti iniciando o curso e tenho convicção de que essa disciplina tem um grande peso para essa sensação. Além de voltarmos ao presencial, tivemos eleições, cortes orçamentários que afetaram imensamente a vida acadêmica, tudo junto de milhares de questões pessoais que passei nesse segundo semestre do ano. Estar nessa disciplina foi muito importante para que eu desse conta de lidar com todo esse turbilhão! (Bianca Monteiro Alves. Diário pessoal)

Através deste relato, tomamos conhecimento do sofrimento pelo qual as estudantes Daiara e Bianca passaram ao longo do período remoto de ensino, assim como da importância do retorno presencial do ensino e do contato com os mestres e mestras do Encontro de Saberes. Notamos que as estudantes referem-se, também, ao sofrimento mais geral experimentado com relação aos processos pedagógicos e acadêmicos

implementados rotineiramente pelas universidades canonizadas pelo processo colonial. Trata-se tradicionalmente de um ensino muitas vezes marcado pela hierarquia, meritocracia, hipertrofia da escrita, monoepistemologia, racionalidade cartesiana, etc. Tal pedagogia, - ou talvez possa-se dizer, anti-pedagogia -, tem produzido grande sofrimento psíquico com seu caráter produtivista, competitivo e com seu foco exacerbado no acúmulo de conhecimentos, na exigência de conformação a modelos canônicos de escrita, além de frequentemente inibir a expressão de sentimentos interiores em favor de uma objetividade e neutralidade (CARVALHO; FLÓREZ 2014).

Desse ponto de vista, o relato de Gabriel Teixeira de Oliveira Dantas é significativo,

Quando a pandemia começou, eu me senti na obrigação de chafurdar em livros e teorias complexas. Eu dizia para mim mesmo que não ia me formar parecendo que eu achei meu diploma no lixo. O valor para mim tinha a ver (e ainda tem bastante a ver), com ter, possuir o conhecimento que é valorizado dentro da academia. Eram amarras das quais eu já vinha tentando me liberar desde o período

passado, mas que estava sendo pouco possível pois aquilo ainda ocupava um espaço central na minha ideia de formação, a qual, diga-se de passagem, ocupava a maior parte dos meus pensamentos. Adoeci (Diário pessoal).

O relato de outra estudante sinaliza o potencial disruptivo do Encontro de Saberes para uma educação descolonial. Isadora Mendonça de Araújo escreve que "O Encontro de Saberes não é só uma desconstrução necessária de toda fórmula acadêmica que molda os espaços universitários. É também a desconstrução necessária da nossa noção de mundo e realidade (Diário pessoal)". Interessante é, também, a observação que a estudante elabora sobre uma experiência pessoal que entende ser compartilhada por outros estudantes dentro da sala de aula. Assim, Isadora nota que "vi muitos alunos serem atingidos em seu íntimo nas aulas. A identificação com os módulos foi importante para que os alunos pudessem ter contato em uma sala de aula, por exemplo, com a sua espiritualidade e ascendência (Diário pessoal)". A estudante chama a atenção para o impacto que o

Encontro de Saberes provoca nas pessoas, promovendo transformações significativas em suas subjetividades, reconhecimentos e descobertas. Ao se referir às aulas do mestre Kotoquinho, Nayra de Oliveira Martins relata em seu diário que,

Ao falar sobre os saberes tradicionais do terreiro senti uma enorme potência na sua fala, uma força tamanha que fez com que eu repensasse muitas questões e conceitos na minha vida. Comecei a observar isso nos meus amigos também, na influência simbólica dos orixás, como na filosofia do terreiro no nosso dia a dia (Diário pessoal).

A dimensão de autoconhecimento, liberdade criativa e até mesmo terapêutica, frequentemente são externalizadas pelos estudantes. Assim Samara Gonçalves Duarte fala que,

Ser uma mulher preta na sociedade é difícil, o que talvez não seja novidade para ninguém, mas quando se cresce em um ambiente predominantemente de convivências de pessoas brancas é uma luta um pouco mais densa. Eu entendo hoje que na minha vida, até aquele momento do encontro, eu não tinha nenhuma representação de mulheres pretas (exceto meus familiares) na minha vida, e ainda mais mulheres pretas que levavam adiante a cultura do nosso povo. Eu

precisei crescer sufocando muito de minhas vontades. - "adore a esse Deus", - "não vista essas roupas", - "não fale desse modo", foram coisas que escutei enquanto crescia. Até o ponto que eu precisava fazê-los se sentirem confortáveis com a minha presença. Sinceramente eu não sei nem ao certo o número de vezes que precisei concordar que o ensino de religiões de matrizes africanas seria de certa forma "doutrinador". Então quando eu chego ao Encontro de Saberes e tenho o encontro, a apresentação e valorização de tudo aquilo que [por] muito tempo em minha vida foi proibido (por viver em um ambiente extremamente católico) é atordoante. É a única palavra que consigo descrever (Diário pessoal).

Um pouco mais adiante em seu diário, a estudante narra de forma contundente e emocionada,

Foi incrível poder chegar novamente e ver aquela sala cheia de sedentas por conhecimentos de uma cultura que por muito tempo foi e, em certos lugares, ainda é marginalizada e vítima de preconceito. A minha cultura, a cultura dos meus antepassados, acho que foi a primeira vez que senti tanto orgulho da minha origem, pois ali era um lugar onde eu não receberia olhares mal encarados nem cochichos pelos cantos. A minha cultura ali era exaltada e nada poderia me fazer mais feliz. A semana após o quarto

encontro foi uma semana diferente, eu estava completamente fascinada, eu escutava músicas sobre vídeos sobre a história e qualquer mínimo resquício de dança, minha mente automaticamente me levava a pensar novamente no Jongo. O quarto encontro foi onde eu fui tomando mais afinidade com a cultura afro. Eu não a chamava mais de cultura deles. Ela havia se tornado ou, bem dizendo, eu havia a reconhecido como a minha cultura, a cultura que corria por minhas veias, que brilhava sobre minha pele e acelerava meu coração. A minha cultura (Diário pessoal).

Entre os vários relatos que ouvimos e recebemos dos estudantes, através de suas falas e dos diários, destaca-se de forma reiterada o modo como o corpo participa ativamente do aprendizado num processo em que os sentidos são protagonistas da experiência. Nayra de Oliveira Martins nota que,

A partir do momento em que ensinaram os passos de dança do Jongo, fechei meus olhos e deixei que o ritmo do tambor conduzisse meu corpo, e vivi um breve momento de plenitude naquele momento, mas que até hoje ressoa na minha memória (Diário pessoal).

A estudante Daiara da Conceição Genuino Pereira, por sua vez, comenta que,

Dessa forma, volto a afirmação do saber estar no sentir. Acredito que para saber algo, é necessário viver esse algo. Não basta o domínio da teoria. Entendi que quando você sabe de uma coisa, o seu corpo automaticamente responde a esse estímulo, ou seja, quando se começa a fazer uma determinada atividade, o corpo responde quase que de forma natural, o saber é intrínseco. Quando o corpo responde por ele mesmo, é exatamente nesse momento que mora o saber. (Diário pessoal)

Interessante também a forma com que Gabriela da Silva Pimenta destaca a afetividade e o cuidado dos encontros e o modo como essa ética facilita o aprendizado reduzindo sentimentos de vergonha e timidez que poderiam bloquear a experiência corporal. Assim ela relata:

E essas vivências também levam o aprendizado para o corpo. Através da dança, seja nos movimentos de cada orixá, seja sambando, seja sensualizando no ballroom, todas as estruturas do convencional, do formal, do lugar que performamos dentro da academia são remexidos (Diário pessoal).

Perceber que o conhecimento do dia a dia, o conhecimento da vida, é tão poderoso e

importante quanto os livros que nos são passados ao longo da extensa bibliografia dos cursos feitos por nós, estudantes, acendeu uma luz na minha mente e me fez voltar a enxergar possíveis formas de conectar e de aprender. A aprendizagem não está só na leitura e na escrita. Não quero dizer que ela não está nessas coisas, pois está sim, mas quero dizer que além desses lugares, a aprendizagem também está nas trocas de olhares, no toque, na diálogo, no contar histórias e causos. (Daiara Da Conceição Genuino Pereira. Diário pessoal)

Durante o processo, a disciplina teve um impacto significativo não apenas nos estudantes inscritos, mas também em toda a equipe de professores e monitores que atuaram como agentes produtores e se permitiram ser afetados e completamente envolvidos com o projeto. Assim, a monitora Milena Leão relata sua vivência:

Participar como monitora de audiovisual na disciplina Encontro dos Saberes foi uma experiência transformadora para mim como mulher, fotógrafa, estudante, monitora, antropóloga e pesquisadora. Foi significativo exercer a fotografia dentro de uma proposta que uniu educação, ancestralidade e a reconhecer cada vez mais a minha ascendência indígena. Fazer parte da nossa história sendo

contada do nosso ponto de vista e ocupar espaços políticos que antes nos eram vedados é crucial para reconhecer a importância da diversidade e construir um ambiente mais respeitoso, em que as diferenças sejam valorizadas e celebradas. Acredito que essa valorização das diferenças é fundamental para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. A disciplina Encontro dos Saberes me emocionou profundamente, mostrando como a união entre educação, ancestralidade e decolonialismo pode ser uma ferramenta poderosa na construção educacional do nosso povo, me dando a esperança de que é possível construir um futuro mais equitativo e imparcial. Ademais, a disciplina ensejou um diálogo direto com minha pesquisa acerca da antropologia da sobrevivência indígena em trabalhos artísticos, a exemplo do impar trabalho de Claudia Andujar em A Luta Yanomami, instigando-me a reflexionar sobre a imprescindibilidade do diálogo transdisciplinar e da construção de um conhecimento abarcador das múltiplas perspectivas e saberes. Acredito que por meio dessa abordagem, podemos cooperar na edificação de uma sociedade mais justa e impar, que demonstre respeito e apreço pelas diversas expressões culturais presentes em nosso país. Em resumo, a minha participação como monitora de audiovisual na disciplina Encontro dos Saberes e a prática da fotografia nesse

âmbito foram cruciais para o meu crescimento pessoal e profissional. Muitas vezes, não percebo o quão embranquecido é o nosso sistema como um todo, especialmente quando a minha ancestralidade é de alguma forma apagada. Mesmo quando estou em uma graduação que tem como viés a compreensão da sociedade, ainda assim não consigo perceber a real dimensão da necessidade de decolonizar. Foi somente quando vivenciei a disciplina Encontro dos Saberes que isso ficou claramente evidente para mim. Embora saibamos que a base teórica vem da Europa, que é proveniente do colonizador, somente quando passamos pela disciplina é que podemos experimentar uma dinâmica oposta, que valoriza a diversidade cultural e a pluralidade de perspectivas. É preciso descolonizar para construir um conhecimento mais plural, que leve em consideração a diversidade de saberes e experiências presentes em nosso país e no mundo. Somente assim poderemos avançar rumo a uma sociedade mais justa e igualitária, em que todos os povos e culturas sejam valorizados e respeitados (comunicação oral).

Considerações finais

Apresentamos neste artigo a experiência do Encontro de Saberes na Universidade Federal Fluminense, com ênfase na escuta atenta de estudantes que participaram da

disciplina no segundo semestre de 2022. Buscamos ainda a sua participação ativa na construção deste texto, por meio do compartilhamento das sínteses de seus diários, organizadas por nós em um Caderno de avaliações.

O Encontro de Saberes, por seu histórico e por sua inserção nas universidades, já conta, pode-se dizer, com ampla produção bibliográfica que valoriza, apresenta e problematiza diferentes aspectos e sujeitos envolvidos em sua realização. Neste artigo, a partir da experiência na UFF, procuramos trazer reflexões sobre o impacto do Encontro de Saberes em estudantes, em especial de graduação, e contribuir para a construção do que talvez possamos chamar de uma "pedagogia dos encontros".

Colocamos em diálogo a nossa experiência na disciplina e a contribuição que educadores como bell hooks e Paulo Freire nos trazem sobre a produção de conhecimentos sobre nossas práticas, na perspectiva de uma pedagogia crítica, transformadora e da educação como prática da liberdade. Como também apontamos, a produção acadêmica no campo da

Educação Popular tem contribuído para nossas ações e reflexões sobre a metodologia do Encontro de Saberes.

Especificamente, ao partilharmos nossas reflexões sobre os processos de avaliação, esperamos ter contribuído com a experiência dos diários e com a concepção da sala de aula como comunidade. A abertura e a atitude de docentes em sala de aula, com portas abertas para a diferença, sentimentos, emoções e para afirmação de identidades, nem sempre tranquila e segura, não sem conflitos, mas com vida, também, se apresentou como uma necessidade para o desenvolvimento da disciplina Encontro de Saberes.

Nossa opção por trazer para este artigo as impressões de estudantes e pensar em propostas que contribuam para o desenvolvimento da metodologia de uma pedagogia dos encontros, expressa o nosso reconhecimento do papel desempenhado pelo Encontro de Saberes na formação profissional na universidade. Nossa esperança é que docentes formados por universidades públicas que tenham passado pela experiência do Encontro de Saberes levem seus aprendizados e vivências

para sua prática profissional. Da mesma forma, esse é um passo necessário para os demais profissionais que se formam na universidade.

A amplificação e a ampliação do Encontro de Saberes nas universidades e nas escolas, atingindo diretamente a educação institucionalizada em nosso país, poderá contribuir para o enfrentamento do racismo, do machismo e da heteronormatividade que marcam as políticas que estruturam a sociedade capitalista, patriarcal imperialista e supremacista branca, como afirma bell hooks. Então, poderemos provocar transformações tão necessárias em todas as esferas da vida social. Como ensinou Paulo Freire, a educação não muda o mundo; ela transforma as pessoas e as pessoas mudam o mundo. O Encontro de Saberes em universidades e em escolas é, por fim, necessário para transformar as pessoas e para mudar o mundo!

Referências

ABREU, Martha Campos e MONTEIRO, Elaine. Patrimônio Imaterial e Afirmação Negra: caminhos e encontros para uma educação

antirracista. *Cadernos Nauj*, v. 9, n. 17, jul-dez. 2020.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

BENTO, Maria Aparecida Silva. A.; CARONE, Iray (orgs.). *Psicologia Social do Racismo*. São Paulo: Vozes, 2002.

BITTER, Daniel. Encontro de Saberes. A inclusão de mestres da cultura popular e seus saberes no ensino superior. *Revista Páginas*, año 14, n. 34, enero-abril, 2022.

CAMBRIA, Vincenzo; FONSECA, Edilberto; GUAZINA, Laize. "With the People": Reflections on Collaboration and Participatory Research Perspectives in Brazilian Ethnomusicology. *The World of Music* (new series), University of Göttingen, German, v. 4, n. 2, 2015.

CARDOSO, Lourenço. *O branco "invisível": um estudo sobre a emergência da branquitude nas pesquisas sobre as relações raciais no Brasil (Período: 1957-2007)*. Dissertação [Mestrado]. Faculdade de Economia e Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, 2008.

CARVALHO, José Jorge de. *A política de cotas no ensino superior*. Ensaio descritivo e analítico do Mapa das Ações Afirmativas no Brasil. Brasília: Instituto de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa, CNPQ, Universidade de Brasília, MEC. 2016.

CARVALHO, José Jorge de. Encontro de Saberes e descolonização: para uma refundação étnica, racial e epistêmica das universidades

brasileiras. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón (orgs.). *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

CARVALHO, José Jorge de. *O confinamento racial no mundo acadêmico brasileiro*. [Série Antropologia, 395]. Brasília: UnB, 2006. Disponível em <http://www.dan.unb.br/images/doc/Serie395empdf.pdf> Acesso em: 07 fev. 2022.

CARVALHO, José Jorge de; FLÓREZ, Juliana Flórez. Encuentro de saberes: Proyecto para decolonizar el conocimiento universitario eurocéntrico. *Nómadas*, Universidad Central de Colombia, n. 41, 2014.

CARVALHO, José Jorge de; VIANNA, Letícia. O encontro de saberes nas universidades, uma síntese dos dez primeiros anos. *Revista Mundaú*, Maceió, UFAL, n.9, p.23-49, 2020.

DIANGELO, Robin J. *Não basta não ser racista: sejamos antirracistas*. São Paulo: Faro Editorial, 2018.

FALS BORDA, Orlando. *Una sociología sentipensante para América Latina*. México,: Siglo XXI Editores ; Buenos Aires: CLACSO, 2015.

FERNANDES, Lygia de Oliveira. "Não falo do lugar dos derrotados": o Encontro de Saberes e suas possibilidades emancipatórias. Tese [Doutorado. em Educação]. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2019.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GOMES, Nilma Lino. *O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação*. Petrópolis: Vozes, 2017.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Modernização dos Sentidos*. São Paulo: Editora 34, 1998.

HOOKS, Bell. *Ensinando a transgredir. A educação como prática da liberdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

MARTINS, Leda Maria. *Afrografias da memória: O Reinado do Rosário da Jatobá*. [S. l.: s. n.], 2021.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A gramática do tempo: para uma nova cultura política. Para um novo senso comum: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática* [vol. 4]. Porto: Edições Afrontamento, 2006

SCHUCMAN, Lia Vainer. *Entre o "encardido", o "branco" e o "branquíssimo": Raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana*. Tese [Doutorado em Psicologia Social]. Universidade de São Paulo, 2012.

SOVIK, Liv. *Aqui ninguém é branco*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.

VIANNA, Letícia. O Projeto Encontro de Saberes: Educação Patrimonial e inclusão epistêmica. *Revista Com Censo*, Brasília, vol. 7, n. 3, p. 202-207, ago. 2020.